

Fazenda de
conto



Fazendo de
conta



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Nelson Dinamarco Ludovico

Raimunda Alves Moreira de Assis

Silvia Maria Santos Carvalho

Ruy do Carmo Póvoas

Fazenda de
conto



Fazendo de
conta

Ilhéus-Bahia



2014

Copyright ©2014 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei n.º 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

FOTOS CAPA E MIOLO

Líliã Carla Santana

REVISÃO

Ruy do Carmo Póvoas

Maria Luíza Nora de Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
Fazenda de conto. Fazendo de conta / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus, BA : Editus, 2014.
122 p.

ISBN: 978-85-7455-374-0

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Póvoas, Ruy do Carmo. Fazendo de conta. II. Título. III. Título: Fazendo de conta.

CDD 869.9301

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz

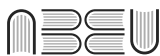
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

www.uesc.br/editora

editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

E há um resto de mim
em toda parte
do que não pude ser
inteiramente.

Ildásio Tavares



Sumário

Apresentação	9
A árvore e a rede	13
A ceia da despedida	33
A vitória sobre as neves	51
O ato falho de Deus	59
O batetê	81
O caboco Boiadeiro	87
O desapego	113

Apresentação



O que ficou após a vasoura de bruxa? Acabou o ciclo da literatura do cacau? Quais os arquétipos de agora, logo que o *coronel*, o *jagunço* e a *mata* se dissolveram? Nomes consagrados foram-se para sempre, outros tantos se aposentaram da arte de contar, sob forma de ficção, as glórias, os pesadelos e os padecimentos da desistência de nossa gente. E a interrogação continua persistindo. Então, por que não tentar sentir isso mais profundamente?

Dizem por aí que é preciso voltar para casa, a fim de sofrer, e sofrer, e sofrer até não mais poder, na busca, até detectarmos as imagens arquetípicas que estão a nos desafiar. Não que elas sejam invisíveis. Muito pelo contrário: de tanto conviver com elas já não podemos enxergá-las. E após nos apossarmos delas, uma luta maior há de começar: o padecimento na lida com o idioma. Transpiração em doses altíssimas e um pouco de intuição. Será esse o melhor caminho?

É bem verdade que tal caminho é traiçoeiro, pois quem o percorre está sujeito ao risco de cair nos abismos parnasianos. Não se deve esquecer que já se constituiu uma receita parnasiana, hoje tida como superada:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Por que não se aproximar do turbilhão da rua? Não será ele adubo que fertiliza a intuição? Por que não romper o sossego do claustro e se permitir o desassossego do contato e da descoberta do pertencimento? É verdade, também, que ainda é necessária a adesão ao último verso do quarteto. Continua sendo válida a sentença bíblica “Comerás o pão com o suor do teu rosto”, muito embora haja tanta gente que come caviar com o suor do rosto alheio ou se deleita com o sangue da nação. Não será essa também uma imagem arquetípica?

Tais indagações me levaram a gerenciar esta *Fazenda de contos*. Nela, *Fazendo de conta* que os fatos aconteceram, arrebanho algumas novas imagens arquetípicas. Não sou o autor delas. Foram elaboradas por gente sem nome, sem rosto e até sem chão, mas com os olhos voltados para dentro de si mesma, pois do

lado de fora não há mais a sombra do cacau, que era considerada, pelos pobres e pelos ricos, a grande mãe que protegia os grapiúnas.

Esta *Fazenda* eu consagro à memória de Lindaura Brandão Oliveira.

Ruy Póvoas